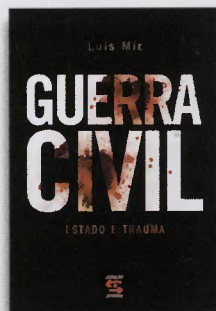


## A guerra silenciosa

**L**igamos a televisão e, com horror, vemos imagens da guerra civil nos Bálcãs ou mesmo a situação caótica do Iraque sem nos darmos conta de que, ao nosso lado, já há cinco séculos, o Brasil vive uma guerra civil aberta e que atinge a todos. Essa é a tese apresentada por Luís Mir nas quase mil páginas de seu novo livro, um impressionante estudo sobre o problema da violência cotidiana no país. Os números são atordoantes: aproximadamente 150 mil pessoas morrem violentamente no Brasil por ano e, desses óbitos, cerca de 56 mil são vítimas de assassinatos. Com apenas 3% da população do globo, o país abriga 13% dos homicídios mundiais. E os custos dessa tragédia não são apenas humanos: o atendimento a essas pessoas consome cerca de R\$ 21 bilhões anuais,



**Guerra civil: estado e trauma**  
Luís Mir  
Geração Editorial  
962 páginas / R\$ 79,00

40% de tudo o que se gasta com saúde (em torno R\$ de 52 bilhões anuais). No Rio de Janeiro e, São Paulo, os dados são ainda mais graves: os Governos Estaduais vêm-se obrigados a usar 60 % do seu já diminuído orçamento com saúde apenas para dar conta do atendimento com as vítimas dessa violência cotidiana. “Se

empilhados, a montanha da morte teria uma base e uma altura de muitas centenas de metros”, escreve Luís Mir em *Guerra civil*.

E ele não tira suas conclusões do acaso. A primeira parte do livro é dedicada a analisar as raízes históricas dessa violência, iniciada com o genocídio dos índios, passando pela exploração escravagista, a segregação territorial e econômica da República e acabando no apartheid econômico, social e racial da atualidade. Para Mir, o responsável pela manutenção desse estado de coisas é sempre o mesmo: o Estado. “Ele sempre foi o maior promotor de violência e nunca funcionou como vetor pacificador” avalia o autor.

## O vizinho *muy* amigo de Mário de Andrade

**C**urioso paradoxo o presente neste belo estudo, fruto de uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, em 2000, por uma respeitada intelectual argentina: como um escritor que pouco deixou a capital paulista poderia ter influenciado, ao longo de quase 20 anos, uma geração de escritores e pensadores argentinos e, no contrapelo, como foi possível que ele tivesse igualmente sido tocado, profundamente, pelo que faziam os seus companheiros portenhos de letras? Leitor curioso, Mário de Andrade sempre estava em busca de novas tendências literárias para conhecer e logo cedo tomou consciência do poder das letras argentinas, em especial a vanguarda portenha, a que ele chamava de “literatura modernista”. Lia sempre que podia as revistas lite-



**Mário de Andrade e a Argentina: um país e a sua produção cultural como espaço de reflexão**  
Patricia Artundo  
EDUSP / FAPESP  
232 páginas / R\$ 39,00

rárias da Argentina e conhecia bem a obra de Guiraldes, Oliverio, Leopoldo Marechal, entre outros. E, pasme, Borges, a quem chamou de “a personalidade mais saliente da geração moderna argentina” e pode mesmo ter sido o pioneiro a reconhecer, em texto, o talento borgiano. Para Mário, olhar a produção intelectual ar-

gentina servia, na comparação entre os dois mundos, brasileiro e portenho, para que ele avaliasse como andava a cultura no Brasil *vis-à-vis* o vizinho mais desenvolvido. De início, nos anos 1920, essa referência se resumia a acompanhar os estudos folclóricos dos argentinos para usar por aqui, nos tempos do Modernismo nacional em formação.

Depois, nos anos 1940, na maturidade intelectual de Mário, a influência mudou de rumo e foram os nossos vizinhos que passaram a se apropriar dos pensamentos andradinos, em especial sobre como um intelectual precisa se comprometer com a realidade social de seu tempo. Enfim, uma boa rua de mão dupla.